Globalização sim, (e embalage

Se houver equilíbrio entre as cestas de exportações e importações de bens de consumo na balança comercial brasileira, o setor de embalagem só tem a ganhar. Mas qual é a situação hoje?

Por Wilson Palhares

mas com produtos
ns) brasileiros

Imagine-se o leitor ante uma represa cujo volume aumenta sem parar, com seu conteúdo começando a jorrar sobre si, numa inundação de coisas ruins. Essa imagem talvez dê idéia do que vem ocorrendo com a indústria brasileira, nela incluída a cadeia de valor de embalagem, no atual panorama de comércio globalizado: cresce incessantemente a onda de importações de bens de capital (muitos deles usados) e de consumo. Até as mais banais mercadorias substituem manufaturados locais, em boa parcela na forma de contrabando e de pirataria. Ou seja, a indústria nacional - sempre convindo lembrar que dela faz parte o setor de embalagens - está ameaçada pelo que isso pode significar em fechamento de fábricas, perda de empregos e sombras sobre o futuro.

É um problema que se agrava sob o peso de exorbitante carga tributária, legislação trabalhista atrasada, infraestrutura precária, alto custo de capital e câmbio fluido e valorizado. Esse

Goma de mascar em pote de polipropileno. Da Turquia

conjunto negativo inviabiliza parte substancial das exportações brasileiras e estimula a competitividade estrangeira. Para piorar, reina notável falta de reação - ou de ação - de parte das empresas para inovar e ganhar competitividade. Esta reportagem, uma tênue síntese do quadro de calamidades em que muitos vêem uma ameaça (e alguns já o início) da desindustrialização do Brasil, propõe sobrevoar rapidamente esse panorama, na busca de caminhos para estancar e reverter seu fluxo.

Não se vejam aí xenofobia e gritos de guerra contra a globalização. Trata-se de inserir o Brasil numa realidade irreversível, mas não na condição de caudatário e sim de agente ativo. Em vez de importar cada vez mais produtos acondicionados, cujos similares o País tem parque instalado para fabricar, a bandeira com a qual alguns setores acenam é a da exportação brasileira desses itens. Num movimento nessa direção, a importação de know-how se enquadra numa espécie de antropofagia tecnológica, na qual o saber deglutido é assimilado pelo organismo produtivo.

A manutenção do Band-Aid

Como resultado de um projeto de integração da cadeia de valor de embalagens cartonadas, envolvendo a produtora de papéis Suzano e as gráficas Emibra e Rigesa, a divisão brasileira da Johnson & Johnson adotou, há quase dois anos, cartuchos com o selo FSC (Forest Stewardship Council, ou Conselho de Manejo Florestal, em português) na linha de curativos Band-Aid. A certificação garante que toda a produção segue boas práticas socioambientais.

Devido à manobra, de caráter pioneiro para a multinacional americana, a fábrica de São José dos Campos (SP) da empresa transformou-se no maior pólo mundial de produção da linha Band-Aid, com 90% de participação. Foi também possível assegurar a continuidade da operação no País. Ocorre que a outra unidade mundial da J&J capaz de produzir as bandagens curativas, localizada em Xangai, na China, não consegue obter embalagens respaldadas pelo FSC.

"Como a alta direção da empresa tem a sustentabilidade entre seus pilares estratégicos, a manutenção do selo FSC com certeza tem impacto na decisão de suprimento de curativos, principalmente para o mercado norte-americano", explica Bernard Reinesch, diretor de suprimentos da J&J para a América Latina. "A certificação trouxe grande visibilidade da marca junto aos clientes e também da capacidade inovadora do time de pesquisa e desenvolvimento do Brasil dentro da empresa". (GK)

FOTOS: CARLOS CURADO – BLOCO

A Era das Commodities

Como pano de fundo do percurso que se pretende fazer, ressalte-se que o bom saldo da balança comercial brasileira é de certa forma ilusório do ponto de vista da consolidação da área produtiva com maior valor agregado. Mais e mais o bom desempenho das exportações baseia-se em bens primários, de baixo valo adicionado, como minérios, soja, carne, celulose, petróleo. Nada contra, não fosse o fato de o Brasil estar retornando à condição de supridor de commodities, cuja receita em alta disfarça o avanço das importações. Depois do pau-brasil, da cana de açúcar, do ouro e do café, a fase das "eras", abolida entre as primeiras e as últimas décadas do século passado, quando o país passou por intensa industrialização, estaria em marcha uma "Era das Commodities". Exporta-se tonelagem e passa-se a depender da importação de produtos mais sofisticados.

Desodorante em aerossol de alumínio. Da Argentina

Não teria o menor sentido "condenar" a exportação de commodities. Afinal, elas contribuem pesadamente para o bom desempenho da balança comercial. O que é ruim é o movimento, na direção contrária, de bens que tenham passado por fases produtivas cujo resultado é a adição de valor. Dados do Instituto de Estudos

Velinhas de aniversário, em blister. Da China

para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) mostram verdadeiro rombo nas trocas da indústria brasileira com o exterior no primeiro trimestre deste ano, sobretudo em bens como eletrônicos, equipamentos, automóveis e medicamentos: o déficit nos primeiros três meses do ano foi de 7,1 bilhões de dólares.

No que se refere especificamente aos interesses diretos da indústria de embalagem, que é a seara desta publicação, a má notícia está embutida numa ausência: o balanço não aborda, por exemplo, importações de alimentos industrializados e produtos de higiene pessoal, que utilizam recipientes em grandes quantidades. No entanto, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), as importações de bens de consumo pelo varejo vêm subindo rapidamente, em clara deterioração das transações do Brasil com o exterior.

E fácil constatar que parte altamente expressiva corresponde a alimentos e bens de higiene pessoal. Na viagem que está rolando, faça-se uma rápida parada num supermercado. O que se vê nas gôndolas e prateleiras? Desodorantes importados da Argentina (em aerossol); goma de mascar, da Turquia (em potes plásticos); ervilhas, da França (em latas de aço); creme dental, do México (em tubos laminados e estojos de papel cartão); geléias, da Áustria (em potes de vidro). Por aí vai, com a China disparada na dianteira: até batatas "reconstruídas", ou *chips*, vêm de lá (em tubos celulósicos multifoliados). Os chineses, porém, acabam de ganhar um concorrente - a Malásia - nesse produto específico. Sim, os *chips* estão vindo também de lá (sim, em tubos multifoliados). Mas a China lidera. —

Ervilhas em conserva, em lata de aço. Da França

Anúncio

Snack à base de batata, em tubo de PEAD com tampa de PEBD e rótulo de papel. Do México

Os números do MDIC revelam que em cinco anos o avanço chinês no fornecimento de diferentes artigos para o Brasil resultou na triplicação do número de importadores daquele país. A quantidade de empresas que em 2005 compravam mais de 50 milhões de dólares da China saltou de doze para 41 em 2009. Embora a lista seja liderada por empresas de eletroeletrônicos e de informática, já despontam como grandes clientes do país asiático as redes varejistas locais. O Carrefour, o Pão de Açúcar e o Extra (o Walmart não é citado) não ultrapassaram a cifra dos 50 milhões de dólares, mas aumentaram os montantes de suas compras: em 2005 elas oscilavam entre 1 milhão e 10 milhões de dólares; hoje estão entre 10 milhões e 50 milhões.

São importações que contribuem para suprir a forte demanda interna, cujo atendimento pela produção local beira o limite da capacidade. Todavia, não agregam valor ao processo produtivo nacional. Ao contrário, prejudicam-no, já que praticamente todo o rol de produtos comercializados legalmente e também por ambulantes, camelôs e galerias de contrabando Brasil afora poderia perfeitamente ser feito aqui, com qualidade e garantias.

Com a economia aquecida no momento, essa invasão parece não representar ainda uma ameaça de substituição, mas especialistas admitem que no futuro a indústria brasileira pode perder de vez mercado para esses produtos. Na

Fraldas infantis em filme de polipropileno. Da Colômbia

contramão, com o câmbio valorizado e o mercado interno absorvendo a produção que se dá no limite da capacidade, é difícil imaginar os empresários brasileiros enxergando motivos para tentar conquistar clientes no exterior.

Um estudo publicado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, feito recentemente por um grupo de economistas da Fundação Getúlio Vargas (FGV) sobre a influência do câmbio na economia, chegou à controversa conclusão de que já se notam sinais de contágio da chama "doença holandesa". É uma referência ao conceito de que a intensificação das exportações de commodities atraem dólares, valorizando a moeda local e prejudicando outros setores da economia. Isso ocorreu com a Holanda nos anos 1960, quando

Crede dental em tubo laminado e estojo de papel cartão. Do México

Na contramão, pouches com tecnologia local

Retortable não foi barreira

Embora já sejam bastante populares em outros países, as bolsas plásticas passíveis de esterilização por autoclave (*retortable*), adequadas ao acondicionamento de alimentos altamente sensíveis, são ainda pouco utilizadas no Brasil. Por isso, poucos fornecedores preocuparam-se em desenvolver esse tipo de embalagem, o que levou a maioria das indústrias usuárias a recorrer a soluções importadas – principalmente da Ásia. A Fugini preferiu não seguir esse caminho. Disposta a utilizar *retortable pouches* em molhos mais sofisticados, a empresa iniciou uma parceria com a Itap Bemis, que conseguiu desenvolver tecnologia local para a produção daquelas embalagens. O primeiro fruto dessa ação foi o Molho Branco, lançado no fim de 2009. Agora, dois novos produtos são lançados: Molho Quatro Queijos e Molho Madeira. "O fornecimento local nos dá tranquilidade. Trabalhamos com influência menor do câmbio e estoques próximos. Os ajustes de produção são muito rápidos", afirma o gerente comercial da Fugini, Eduardo Nogueira dos Santos. "Além de nos garantir a manutenção de preços competitivos, a embalagem obtida localmente tem tido ótimo desempenho e aceitação." **(GK)**

o aumento das vendas de gás daquele país para o exterior resultou na desvalorização da moeda (então florim). De acordo com o estudo da FGV, como decorrência da "doença holandesa", dado o robusto ingresso de capitais externos, estaria ocorrendo a "desindustrialização precoce" do País. Numa comparação, nos anos 1980 a participação da indústria de transformação na economia representava 22,89% do PIB; em 2009 foi de 15,6%.

O trabalho considera que o peso relativo da indústria na economia diminui naturalmente à medida que a renda das pessoas aumenta e elas passam a demandar mais serviços. O problema é que no Brasil o processo se iniciou antes do previsto, na penúltima década do século passado, quando a renda per capita estava em torno de 4 000 dólares, metade do registrado em países desenvolvidos no momento em que começa a migração do peso da indústria para o setor de serviços na economia. Há quem discorde desse diagnóstico, mas as vozes de advertência sobre o viés da desindustrialização são cada vez mais audíveis, em reuniões de empresas, de setores, de foros econômicos e políticos e dentro do próprio governo.

A inevitável pergunta

É verdade que a valorização do real depois de 2005 tornou as importações mais atraentes. Mas não se pode atribuir apenas ao dólar mais fraco (porém se recuperando ante a crise européia) a balança favorável aos "invasores". Enquanto aqui as queixas de empresários crescem ante os ouvidos surdos de quem pode fazer mudanças - essencialmente, os Poderes Executivo e Legislativo - os chineses e os fabricantes de outros países

Anúncio

asiáticos e da índia ganham reconhecimento internacional à melhora da qualidade de seus produtos. É este um fator que, aliado a preço, a ganhos de escala e a agilidade nos negócios, resulta em competitividade difícil de bater. Perante esse quadro, surge a inevitável e antiga pergunta: que fazer?

Brinquedo em blister. Da China

Aromatizante de ambiente (água perfumada) em garrafa de PET e rótulo autoadesivo, com tampa de gatilho. Da Polônia

Obviamente, da mesma forma que não é total a cegueira ante a onda de importações que já se pode classificar de avassaladora, nem todos estão indiferentes ou inertes. Associações de indústrias e entidades representativas de cadeias produtivas se movimentam em manifestações de alerta e tentativas de barrar a maré. De sua parte, o governo anuncia medidas paliativas. Dia 5 de maio último, entre outros movimentos, lançou um pacote de apoio às exportações, de modo geral considerado aquém do desejado pelo setor produtivo. Enquanto o ministro da Fazenda, Guido Mantega, qualificava as medidas anunciadas como "tudo de bom", o presidente da Confederação Nacional da Indústria, Armando Monteiro Neto, as viu como "mais para bom". E não as viu como garantia de competitividade futura do setor.

Tomate pelado em lata de aço com rótulo de papel. Da Itália

Num ponto que atinge topicamente a área de embalagens, o governo promete devolução mais rápida do crédito tributário a que têm direito exportadores na compra de embalagens (e matérias primas). A grande dificuldade é receber esses créditos, que doravante terão a metade devolvida em até trinta dias ("Agora sim!", exultaria o sempre otimista dr. Pangloss). Talvez ajude a exportar um pouco mais, mas não dá para enxergar como isso estimulará a venda de produtos que disputam aqui espaço com similares importados mais competitivos.

A questão da competitividade, naturalmente, vai muito além de questões cambiais e tributárias, envolvendo mecanismos de troca comercial complexos, desenvolvimento de tecnologia, investimentos em pesquisa e inovação, infraestrutura e sistema educacional do país, formação e treinamento da mão de obra e extenso rol de eteeteras que se subordinam a uma só palavra: vontade. No caso da cadeia produtiva da embalagem, cujo foco esta reportagem gostaria de não ver perdido ante a visão da economia em sua abrangência total, observam-se movimentos de defesa em segmentos isolados. EMBALAGEMMARCA entende que eles devem convergir para adquirir força e encontrar soluções benéficas ao conjunto e, portanto, a cada um.

Cola para uso escolar, em frasco de polietileno e rótulo autoadesivo de papel. Do Chile

FOTOS: CARLOS OURADO

Anúncio

Fonte: EmbalagemMarca, São Paulo, ano 12, n. 130, p. 32-38, jun. 2010.